**“*Deixae que corram as creanças!*” – Reflexões sobre indícios da pedagogia libertária em Parnaíba através do jornal O Artista (1919-1922)**

Alexandre Wellington dos Santos Silva[[1]](#footnote-1)

RESUMO

Parnaíba, um dos principais entrepostos comerciais do Nordeste do Brasil no período conhecido como República Velha, teve sua ampliação econômica originada fundamentalmente por conta do Rio que dá o nome da cidade, assim como o acesso ao Oceano Atlântico, possibilitando a intercomunicação tanto com as cidades interioranas do Piauí, quanto com outros polos estaduais e internacionais. Ao revés da realidade social vivida pelos empresários, políticos e militares de alta patente, a maioria da população sofria com a miséria, o avanço das doenças venéreas, o alcoolismo, o desemprego e o analfabetismo. Este último não foi extinto com as escolas disponíveis pelo Estado, nem mesmo com as escolas particulares. Diante desta situação, aos trabalhadores parnaibanos restava alternativa senão a auto organização e a autogestão de espaços destinados à instrução deles e de suas proles. A cidade litorânea do Piauí foi rica em associações mutualistas, mas que infelizmente deixaram poucos registros de sua participação e percepção da sociedade em seu contexto social e temporal. De todas estas associações, a única que teve os jornais mapeados por pesquisadores foi a *Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba*, através do periódico *O Artista*, fundado no mesmo ano que a organização que o patrocinava, em 1919. É perceptível nas linhas do jornal a preocupação dos seus membros em organizar as forças proletárias parnaibanas em uma agremiação, assim como o embate intenso contra o analfabetismo; Dentre as mais variadas formas de instrução defendidas no periódico, destoa e destaca-se uma ideia pedagógica; pauta por um ensino antiautoritário, anti hierárquico, e que visava potencializar as capacidades físicas e intelectuais de seus alunos; esta se aproxima em muito das perspectivas defendidas pela pedagogia libertária. “*A Creança e a escola*”, foi um artigo escrito de Guerra Junqueiro, português influente nos círculos anarquistas brasileiros por sua crítica ácida ao sistema socioeconômico vigente de sua época, e por sua postura antiautoritária. O trabalho se divide em três seguimentos: A) A situação do trabalhador parnaibano; B) A educação oferecida em Parnaíba, dentro do recorte temporal analisado; C) Perspectivas educacionais que circundavam o movimento operário parnaibano, em especial a pedagogia libertária no texto de Guerra Junqueiro.

PALAVRAS-CHAVE

História, Movimento operário, Educação, Anarquismo.

ABSTRACT

Parnaíba, one of the leading commercial warehouses in the Northeast of Brazil in the period known as the Old Republic had its economic expansion caused primarily due to the river that gives the name of the city, well as the access to the Atlantic Ocean, enabling both intercom with cities of the interior of Piauí, as with other states and international hubs. Setback to the social reality experienced by business people, politicians and high ranking military officers, the majority of the population suffered from poverty, the advancement of venereal diseases, alcoholism, unemployment and illiteracy. The latter was not extinguished with available state schools, even with the private schools. In this situation, the parnaibanos workers remained alternative but self organization and self-management of spaces for their instruction and their offspring. The seaside town of Piauí was rich in mutualistic associations but unfortunately left few records of their participation and perception of society in its social and temporal context. All these associations, the only newspapers that had been mapped by researchers at the *Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba* through the journal *O Artista*, founded the same year as the organization that sponsored, in 1919. It is perceptible in lines of the newspaper's concern of its members in organizing the proletarian forces in an organization, as well as the intense clash against illiteracy; Among the various forms of instruction defended in the journal, diverges and stands out a pedagogical idea; advocates a antiauthoritarian education, anti hierarchical, and which aimed to enhance the physical and intellectual abilities of their students; this approach in much of perspectives defended by libertarian pedagogy. "A Creança e a Escola," was an article written Guerra Junqueiro, portuguese influential brasilian anarchist circles for his acidic criticism of the socio-economic system of his age, and his anti-authoritarian stance. This article is divided into three segments: A) The situation of parnaibano’s workers; B) The education offered in Parnaíba, within the time frame analyzed; C) Educational Perspectives that surrounded the parnaibano’s workers movement, especially the libertarian pedagogy in the text of Guerra Junqueiro.

WORDKEYS

History, Workers movement, Education, Anarchism.

* **Introdução**

É preciso, antes de tudo, oferecer ao leitor a introdução de determinados conceitos e informações que facilitarão a compreensão do desenvolvimento do presente artigo, que nasce dos debates e observações germinados dentro de um Projeto de Iniciação à Pesquisa (PIBIC)[[2]](#footnote-2) e do GEAPI – Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí, analisando o movimento operário brasileiro durante a República Velha. Tais reflexões e análises da atuação dos trabalhadores em diversos polos brasileiros e internacionais me levaram a pesquisar o que ocorria na cidade de Parnaíba dentro daquela conjuntura mundial, dando ênfase, claramente, a história dos trabalhadores. Foram pouquíssimas as obras que localizam estes trabalhadores na sociedade parnaibana, e passei então a integrar uma rede nacional de pesquisadores da República Velha.

Foi por meio de um destes contatos que recebi edições digitalizadas do jornal O Artista, um órgão de propaganda de uma associação proletária chamada *Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba*. As edições encontradas, que variam entre os anos de 1919 até 1922, não estão em sequência[[3]](#footnote-3), e embora a última publicação “descoberta” enumera-se como sendo a décima segunda, temos apenas seis edições; por conta disso, o recorte temporal do artigo fica restrito aos anos das publicações do periódico até então encontradas, uma vez que é a única fonte de pesquisa desenvolvida pelos trabalhadores parnaibanas localizadas até o presente momento.

Examinando e decompondo atentamente as linhas do periódico operário do litoral piauiense, nos deparamos, entre as mais diversas tendências educacionais, com ideias que de certa forma se aproximam das teorias anarquistas, a pedagogia libertária. Este método de ensino desenvolvido em meados do fim do século XIX e início do século XX era uma reverberação de outras experiências educacionais engendradas por ácratas do passado[[4]](#footnote-4). Nascida da dupla necessidade de oferecer aos filhos da classe trabalhadora um ensino capaz de possibilitar compreensões e problematizações do indivíduo e da sociedade, assim como combater o ensino clerical, carregado de dogmatismos, a pedagogia libertária aparece como uma alternativa educacional aos trabalhadores, pautada na racionalidade e no livre desenvolvimento de seus partícipes.

Esta metodologia pedagógica assenta suas bases na liberdade e na autonomia dos discentes, e tem o professor como um intermediador de conhecimento, e não mais como um indivíduo autoritário que possui determinados conhecimentos e os repassará, por vezes, de forma mecânica, aos seus alunos, assim caracterizando uma ruptura com o projeto pedagógico elitista da época, pautado na obediência, passividade e doutrinamento, o que faz da pedagogia libertária um polo inverso do modelo educacional: “Os novos métodos de ensino propostos e implantados pela Escola Moderna, tendo por base o respeito à liberdade, à individualidade, à expressão da criança, reorganizaram o fazer pedagógico imprimindo-lhe autêntica função revolucionária”. (KASSICK & KASSICK, p. 16, 2006).

* **O trabalhador parnaibano**

Para compreender a situação dos trabalhadores parnaibanos, nos apoiaremos nas teorias desenvolvidas na perspectiva da História Social, uma vez que esta problematiza a História dos “grandes homens”, e dá a possibilidade de pesquisar a História *vista de baixo*, isto é, dos que compõem a margem da sociedade, “para simbolizar uma inversão de perspectiva em relação à tradicional historiografia que partia do poder dominante” (BARROS, p. 04, 2005).

\A cidade de Parnaíba, por sua posição estratégica no litoral piauiense, contribuiu de forma significativa para o “desenvolvimento” da economia piauiense e regional, pois como cidade litorânea e às margens do Rio Parnaíba, o escoamento da produção e a articulação entre outras urbes localizadas à beira do Parnaíba, possibilitou uma maior interação social e econômica da região, como observa Mendes (p. 73, 1995),

Em todo caso, é a partir de 1860 que Parnaíba consolida-se como principal entreposto comercial do Piauí e como importante centro do comércio Internacional, graças ao espírito empreendedor de suas lideranças empresariais, estimulando certamente por ter a oportunidade do contato com o resto do mundo.

Por conta de sua localização geográfica, obteve um fluxo comercial considerável e posteriormente algumas manufaturas, rompendo desde o final do século XIX com a noção de atraso e isolamento que geralmente é atribuída ao Estado. No início do século XX a extração da cera de carnaúba fortaleceu a centralidade de Parnaíba como centro comercial.

Os vapores marítimos que atracavam no litoral, em Luís Correia, enviavam suas mercadorias para as casas comerciais de Parnaíba, de onde eram distribuídas para o interior do Estado através das barcas que circulavam pelo rio. Com essa realidade, a troca de informações e ideias possibilitava aos trabalhadores organizarem-se de forma mais coesa, como salienta Medeiros (p. 74, 1995)

A influência cultural dos tripulantes das embarcações estrangeiras, a presença de imigrantes que se radicaram em firmas representantes de empresas estrangeiras desenvolveu em Parnaíba um sentimento de responsabilidade comunitária e associativismo em paralelo com o restante do Piauí, onde predominava o individualismo e o alheamento às questões públicas.

O lugar da cidade de Parnaíba como centro comercial já foi reconhecido pela historiografia local, observando a configuração urbana da cidade percebemos grandes galpões de armazéns, em especial os do complexo do Porto das Barcas, carasões de figuras ilustres da política e do comércio, porém, questionamentos acerca do movimento operário da cidade durante a república Velha retornam sem respostas ao verificar os estudos realizados na área. Diante disso, faz-se necessário abranger as pesquisas nesse recorte temporal, observando a necessidade de ampliar as pesquisas na cidade de Parnaíba envolvendo o setor laboral da época.

Diante de tamanha profusão econômica, observa-se o silenciamento dos pesquisadores locais acerca do movimento operário parnaibano (e piauiense, em geral). Ainda assim, é possível notar a participação da classe trabalhadora em Parnaíba no cotidiano da cidade através de suas organizações, assim como de sua imprensa. A exemplo disso, na obra de Edgar Rodrigues (p. 27-18, 2010), o mesmo cita três jornais operários que são “A Revolta (1919); A Voz do Trabalhador (1920); O Artista (1919) de Parnaíba, Piauí;”. Outras formas de compreender os traços e contribuições do operariado parnaibano (e piauiense) está na dissertação de Nascimento (p. 55, 2005), onde esta apresenta uma tabela de agremiações proletárias do Piauí entre o período de 1856 a 1937,

(...) foram criadas 54 associações no Estado do Piauí sendo: 27 em Teresina; 18 em Parnaíba; 01 em Floriano; 01 em Amarante; 02 em Piripiri; 01 em Campo Maior; 01 em Barras; 01 em Buriti dos Lopes. Essas associações foram classificadas, segundo seus estatutos, em: 03 de associação profissional, 17 mutualistas e beneficentes e 34 de categoria profissional.

* **Instrução em Parnaíba**

É possível caracterizar neste período, na cidade de Parnaíba, três formas de instrução: A pública, a particular, e a operária. Uma nasce diante das demandas geradas da ineficiência da outra, e assim, antes mesmo de destacar a educação operária em Parnaíba, é preciso traçar um panorama educacional na cidade, para poder se compreender as causas da necessidade do operariado urbano desenvolver suas ferramentas pedagógicas.

Os principais fatores que podem ser mapeados para explicar este fenômeno são: a) a negligência do Estado nas questões educacionais; b) os custos da educação particular; c) o alto grau de analfabetismo entre as classes populares.

O Estado dedicou considerável investimento no setor educacional do Piauí. Segundo o Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, também conhecido como *Almanak Laemmert*, em Parnaíba, no ano de 1919 haviam “duas escolas estadoaes e treze municipaes”[[5]](#footnote-5). Porém, a gerência do Estado cometeu erros irreparáveis em relação a quantidade de escolas proporcionalmente distribuídas para atender os anseios da população, como demonstra Queiroz (p. 57, 1994) quando afirma que

(...) o crescimento do número de escolas e do número de alunos articulados sequer acompanhou o crescimento da população escolarizável. Dessa forma, o Piauí contonuou, como fora no Império, um dos estados em que o número de analfabetos guardava maior proporção relativa à população total.

Diante da ausência das instituições de ensino que cobrissem totalmente os habitantes da cidade, surgem as instituições particulares. Este pensamento encontra fundamento dentro das proposições de Queiroz (p. 58, 1994), declarando que

Em vista da ineficácia do Estado em atender à demanda por educação, as aulas particulares de instrução primária e de matérias isoladas da instrução secundária foram uma constante no panorama educacional no Piauí, desde a primeira metade do século XIX. Elas existiram na capital, e nas cidades e vilas do interior (...)

O mesmo posicionamento é defendido por Mendes (p.70, 2007) quando afirma que apesar das perspectivas progressistas da educação no Brasil, em Parnaíba, o Estado e o Município demonstraram-se “letárgicos e omissos”.

Da precariedade do Estado, o ensino particular surge, e ganha destaque. Esta modalidade de ensino, necessariamente voltada aos indivíduos que não possuíam capital suficiente pra enviar seus filhos para outros centros urbanos mais desenvolvidos, mas que era bastante para o pagamento do soldo de professores particulares, apesar de extensa participação, também não freou os altos índices de analfabetismo na cidade. Segundo Mendes (p.70, 2007),

Nesse período, as iniciativas particulares foram as que figuraram como responsáveis por algum desenvolvimento do ensino. As atividades de ensino em Parnaíba, durante a Primeira República, (...) eram todas desenvolvidas nas residências dos professores (...), mantidos pelas mensalidades dos alunos.

O operário, esmagado cada vez mais pela debilidade do Estado e pelo jugo do capital, vê-se relegado ao analfabetismo juntamente com seus filhos, não poderia contar com a burocracia e escolas que o Estado ofertava, nem com professores particulares. Assim, só lhes restavam uma alternativa: A auto organização de locais de instrução para crianças e adultos das classes menos abastadas.

Bakunin (s/n, 2013), ao tratar das questões de instrução, acreditava que um dos principais motivos para que a sociedade fosse estratificada a partir de classes, onde uma parte da população usufruía de direitos e poderio econômico, político e social em detrimento de outra que pouco teria a não ser sua força de trabalho, era a educação. Em seu texto intitulado “A Instrução Integral”, questiona:

Poderá ser completa a emancipação das massas operárias enquanto recebam uma Instrução inferior à dos burgueses ou enquanto haja, em geral, uma classe qualquer, numerosa ou não, mas que por nascimento tenha os privilégios de uma educação superior e mais completa?

No texto, o autor reconhece que se um indivíduo possuir a capacidade de conceber determinadas situações em detrimento de outros que não adquiriram tal capacidade, o primeiro subjugará o segundo. Desta forma propõe Bakunin o ensino equivalente ao oferecido aos filhos dos burgueses, porém, esta qualidade jamais seria oferecida pelo Estado, ou pelas classes superiores, uma vez que “seria pueril crer e esperar que o Estado, salvaguardado das altas classes, consentisse, restituindo à coletividade a liberdade de seu ensino, em destruir, ele próprio, seu melhor instrumento de dominação”. (CHAMBAT *apud* PELLOUTIER, pp. 25-26, 2006).

Tendo inconscientemente esta proposição, os operários de Parnaíba apontam como método de emancipação fundamental a instrução e o ensino. A dissertação de Ana Maria do Nascimento Bezerra[[6]](#footnote-6) destaca um panorama do movimento operário piauiense, traz dados significativos sobre a atuação destes, principalmente as formas organizacionais destes.

* **Ideias pedagógicas no jornal *O Artista***

Por muito tempo o jornal não foi utilizado como fonte histórica, isto é, como fonte de análise de determinada realidade dentro de um espaço temporal específico, por supor a intencionalidade e subjetividade de determinado indivíduo ou coletividade; esta noção de neutralidade da História é ligada diretamente ao método positivista, onde a função do historiador era a de “transcrever e narrar o fato pesquisado de uma forma tradicional, agindo de forma imparcial” (AGUIAR, p. 04, 2010).

A crise deste paradigma aponta para o surgimento da escola marxista, observando que “todo historiador está ligado a uma classe social, portanto aí reside a impossibilidade da imparcialidade”. (AGUIAR, p. 05, 2010).

Esta vertente ganha força, principalmente, com a *Escola dos Annales* em sua terceira geração, cuja crítica, na década de 1970, possibilitou uma abordagem mais abrangente da História, uma vez eu suas fontes foram ampliadas; dentro destas, o jornal se destaca como “um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CALONGA *apud* CAPELATO & PRADO, p. 05, 2012), o que possibilita construir a presente pesquisa, uma vez que

“(...) os jornais não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que as torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças, valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”. (LUCA, p. 140, 2005).

A *Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba* tem em uma de suas bases fundamentais “Ter um orgam da imprensa para a propaganda e defesa da Sociedade União Progressista e da Classe artística em geral[[7]](#footnote-7)”; o jornal referenciado por esta associação proletária parnaibana chama-se *O Artista*. Uma quantidade significativa destes jornais chegou à atualidade, e fundido com a perspectiva de análise histórica através dos periódicos, nos é possível entrever uma realidade pouco tratada entre os historiadores locais: A sociedade “vista pelos olhos” dos trabalhadores daquele período; homens, mulheres e crianças que não se tornaram monumentos históricos, estátuas, que não viraram nomes de ruas e avenidas, e que não usufruíram das riquezas produzidas por eles mesmos.

O Artista tem as mesmas características de outros jornais operários da época, das quais vale ressaltar a) A periodização, sendo indeterminados os dias de suas publicações; b) o número de páginas, geralmente em quatro; c) Os temas variados, mas enfatizando as discussões e assuntos de interesse da classe operária.

Da mesma forma que é visível ao longo das edições do periódico parnaibano as contradições e debates ideológicos que permeavam as linhas escritas do jornal, a educação também era um fator de acirradas disputas dentro do movimento operário da cidade, mas que apesar disso, pautava-se na mesma perspectiva geral d’O Artista: A melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores.

Pode se destacar duas ideias básicas de instrução concernentes ao movimento operário parnaibano organizado na União Progressista, uma que pautava um ensino atrelado à questões de construção de uma identidade nacional abarcando também uma perspectiva teológica, e assim surge uma ideia de instrução

“(...) onde o povo em geral e seus filhos particular aprendam a ler e amar a sua terra, através de symbolos, dos seus heróes, do seu valor, como gleba abençoada, fértil, ubérrima e cheia de luminozas esperanças. É um espetáculo radiante, o vermos, todos os dias, as alegres crianças em marcha para a Escola, para o conhecimento da pátria, para a Luz enfim!” (M. p. 01, 1919).

E outra linha educacional que viabilizasse a compreensão da sociedade dividida em classes, que problematize as vias pedagógicas daquele período e que observasse o máximo de desenvolvimento para os trabalhadores e seus filhos. Dentro do jornal, o exemplo mais significativo é a matéria “*A creança e a escola”*.

* ***“A creança e a escola” –* Aproximações práticas com a pedagogia libertária**

Pode ser encontrado na edição de número 2, datada de 24 de Agosto de 1920, o artigo intitulado “*A Creança e a escola”*, que trata sobre aspectos do cotidiano discente em sala de aula e da metodologia pedagógica das escolas até então desenvolvidas.

Eu sinto uma tristeza inmensa quando vejo as grades de uma cadeia ou as portas de uma escola má. Dois cárceres. Um corolário do outro; A ignorância produz o crime; a má escola produz a cadeia. Os povos teem um coração: é a escola. Escola bôa, bôa saúde. Mathusalem estuda o alfabeto. Si não fosse triste, seria ridículo. Trabalhemos. Alongar a escola é diminuir o cárcere. Quereis garantir o direito, a paz, a civilização? Prendei o espírito na jaula da verdade. Quereis imprimir o cárcere? Mate-o dentro da escola. A noite iluminam-se as ruas por causa dos ladrões. Quereis segurança? Accendei os espíritos e apagai os candeeiros. Menos enxovais e mais argumentos. É para as almas delicadas um quadro doloroso ver creanças durante seis horas na escola, sentadas, imbecis. A creança cujo organismo physico e moral requer imperiozamente a agitação cujo sangue é áspero, vivaz, inquieto, petulante: a creança é a toda feita de alegria viva, de movimento rapito, de vibrações aladas, não pode estar um dia inteiro, estupidamente, constrangida numa posição bestial e monástica. Pobres flores! Dobran-lhe a espinha sobre um livro árido, secco, abstracto, amolecem-nas com o repouso forçado, e quando somnolentas e cançadas, levantam a vista do livro, que não entendem, para espreitarem pela janela a nesga do céo, encontram deante de seu olhar (xxx) e tem o olhar dogmático de um professor pedante. Vamos! Deixae que corram as creanças! Saturai-as de luz. Equilibra-lhe o systema muscular e o systema nervoso. Dai-lhes força e movimento, harmonia e liberdade. Uma creança é uma avezinha. Quereis modelar a escola? Não copieis o claustro e (xxx) ninho. É por isso que as creanças quando sahem da aula tein uma alegria vibrante, radiosa, alluzinada: gritam, saltam, trepam nas árvores, roubam os ninhos, apedrejam os cães, correm, desaparecem, voam como pássaro que fugiu da gaiola. Voam, sim, a alegria tem azas. É a natureza que protesta. A natureza! Palavra santa. É o berço do mundo. Fóra dela não há sciência nem religião. Quando o homem a desprezou fez-se a noite da história – a idade média. A luz tornou-se penumbra, o pensamento, sonho. Foi o eclipse da alma, entre ella e Deus levantou-se o terror, fechou o espírito e abriu-se o claustro! (JUNQUEIRO, Guerra. A Criança e a escola. *O Artista*. Parnaíba, Ano II, n° 06, p. 03, 24 ago. 1920).

O artigo é uma reprodução de um dos escritos de Guerra Junqueiro, padre português e influente nos meios libertários por suas proposições antiautoritárias e antiestatais. A ideia educacional apresentada traz consideráveis questionamentos, e teorias que muito se assemelham com a metodologia pedagógica da educação libertária. As exposições acerca da forma repressiva e autoritária de como o ensino era realizado, além de dar subsídios a uma nova forma pedagógica, que deixe o indivíduo livre e que considere importante a formação intelectual equiparável à formação física. Segundo Mendes (2007, p.70), “não havia muita diferença quanto as instalações prediais e os métodos de ensino”.

Tal teoria encontra limitações no que concerne a falta de pesquisas acerca da educação dentro do movimento operário parnaibano durante a República Velha, que sempre deu ênfase ao combate ao analfabetismo entre os trabalhadores e seus filhos, crendo na educação como ferramenta de emancipação das camadas populares ante o controle do capital e do Estado.

* **Resultados prévios**

Em seu trabalho monográfico, Leôndidas Freire (2013) observa que de todos os jornais operários piauienses, *O Artista* era o único que tinha a peculiaridade de apontar, embora que timidamente, algo que se aproximasse da vertente socialista libertária, isto é, do anarquismo. O embate teórico contra anarquistas, e em outras partes a utilização de ideias e autores ácratas, faz com que O Artista seja um jornal impossível de definir ideologicamente. Traz ainda a indicação que

(...) o operariado poderia estar politicamente dividido, ou que uma associação que tendesse a um lado, desagradaria tando outros operários do outro, ou até mesmo pode-se entender aqui uma influência do anarquismo, ou do sindicalismo revolucionário, que ambos refutam a ação por vias políticas (FREIRE, p. 67, 2013).

Ainda no mesmo parágrafo, afirma que “este argumento não se sustenta se colocado ao lado da fala inicial do jornal contra greves e barricadas” (FREIRE, p.67, 2013). Após inúmeras pesquisas, afirmamos que a leve inclinação dos trabalhadores parnaibanos com o anarquismo se dá pelo contato com operários de outros centros urbanos. Mas longe de ser unanimidade, a teoria ácrata vem trazer um “tempero” classista e combativo ao caldo da cultura proletária parnaibana, visualizado nas linhas do jornal O Artista.

Esta argumentação não se baseia somente no livro norteador do presente trabalho em relação a pedagogia libertária. A influência ácrata aparece através de artigos em que observam, por exemplo, as ideias de Piotr Kropotkin, destacado teórico anarquista russo:

O príncipe Kropotkine, que há pouco foi assassinado pelos russos, falava do futuro com sapiência dos iluminados, e uma visão ampla, observa a marcha dos fenômenos sociais e verifica, cabo de longa experiência e longa meditação que o (xxxxxxx) tinha deixado de ser uma abstração para constituir uma realidade. E, a medida que ataca a burguesia enfustada, a nobreza hypocrita, a decomposição lenta dos Estados, afirma com assombro, que alguns grupos de homens livres e honestos se levantam, clamando que já soou a hora fatal e que é mister agir. (?. O Artista. Parnaíba, Ano II, n° 06. p. 04. 24 ago. de 1920).

Em 1922, ressaltando a importância da instrução aos operários e seus filhos como forma de combater o analfabetismo, é solicitado aos operários para “Mirar-vos neste espelho de christal que a historia apresenta-o dia 1° de Maio, nos Estados Unidos e a Revolução Russa – exemplos da emancipação operaria universal” (SERRANO. O Artista. Parnaíba, Ano III, n° 12. 1° Mai. De 1922).

A rede de contatos constituída através do embarque e desembarque de produtos de todas as partes do país (e do mundo) em Parnaíba, e a consequente interação entre os trabalhadores é descrita pela “visita” de periódicos:

O trabalho de Caxias-Maranhão. –O Araripe– do Crato-Ceará. A Comarca de Mogy Mirim-São Paulo. O Luzitano-de Pelotas-R.G. do Sul. O Mensageiro-de Manaos-Amazonas. O Astro-de São Paulo. O Município de Santo Amaro-Bahia. Gazeta de Pesqueira-Pesqueira-Pernambuco. Gazeta de Paraoapeba-Paraoapeba-Minas. O Rubi-Camocim-Ceará. Gutenberg-de Mogy Mirim-São Paulo. O Clarim de Matão-São Paulo. O Nordeste-de Therezina-Piauhy. A Cidade de Assu-R. G. do Norte. O Livro-de Floriano-Piauhy. O Piracalense-de Piracal-Sâo Paulo. O Popular-de Floriano-Piauhy. A Luz-de Alagoas. Permutamos com prazer. (?. O Artista. Ano I, n° 05. P. 03, 18 de Jul. de 1920).

Apesar disso, é inviável declarar que a pedagogia libertária foi aplicada em alguma instituição de ensino criada pelos operários, tampouco é possível dimensionar a proporção em que o ensino operário reverberava na sociedade parnaibana, uma vez que pouco era divulgado no periódico estudado as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos trabalhadores. Entretanto, algumas características podem ser apontadas, como a escola mista, isto é, escolas onde o estudo era realizado pelos dois sexos, anunciada pelo periódico por conta de seu fechamento devido afastamento da professora.

É graças ao “punhado de humildes operários”[[8]](#footnote-8) que decidiram se organizar ante a miséria e as duras condições de vida, que este trabalho se realiza. A intencionalidade de sua publicação, voltada para os proletários que já haviam vencido a queda de braço contra o analfabetismo, pautava por uma associação onde a qualidade de vida pudesse ser superada, e transformada em uma realidade onde as desigualdades sociais fossem freadas, através da união e da solidariedade mútua, e que somente agora, através de alguns historiadores, busca trazer a igualdade da possibilidade de representação, perante uma história que ainda prima por conservar as perspectivas desenvolvidas por políticos, empresários e militares de alta patente daquele período.

A presente pesquisa não se finda aqui; pelo contrário, é um incentivo a novas percepções, críticas e análises futuras, equipadas, talvez, de novas fontes primárias que possam auxiliar no “quebra-cabeça” da instrução operária em Parnaíba durante a República Velha.

**Bibliografia**

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. **Imprensa: Fonte de estudo para a construção e reconstrução da História.** Santa Maria: X Encontro Estadual de História – AMPUH-RS, 2010.

BAKUNIN, Mikhail. **A Instrução Integral.** Disponível em <>. (Acessado em 01.09.2014, às 18:55).

BARROS, José D’Assunção. **História Social: Seus significados e caminhos.** LPH – Revista de História da UFOP.

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CALONGA, Maurilio Dantielly. **O jornal e suas representações: Objeto ou fonte histórica?** Dourados: Revista Comunicação & Mercado, vol I., n°02, 2012.

CHAMBAT, Grégory. **Instruir para revoltar: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia de ação direta**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2006.

FREIRE, Leôndidas. **OS OPERÁRIOS E OS JORNAIS: As relações entre a imprensa operária e os trabalhadores (as) do Piauí na Primeira República.** Monografia para o curso de Bacharelado em História da Universidade Federal do Piauí, 2013.

KASSICK, Neiva Beron & Kassick, Clovis Nicanor. **A Pedagogia Libertária na História da Educação Brasileira.** 3ed. Rio de Janeiro. Achiamé Editora, 2004.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In.: Fontes Históricas. 2ed. São Paulo: Contexto 2008.

MEDEIROS, Antônio José. **Movimentos Sociais.** In: Piauí: Formação, Desenvolvimento, Perspectiva. Teresina: Halley, 1995.

MENDES, Felipe. **Formação Econômica**. In: Piauí Formação, Desenvolvimento, Perspectiva. Teresina: Halley, 1995.

MENDES, Francisco Iweltman. **Parnaíba: Educação e sociedade (da colonização ao fim do Estado Novo)**. 2ed. Parnaíba: Sieart, 2007.

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. **Trabalhadores e Trabalhadoras no Fio da História das Práticas e Projetos Educativos no Piauí (1857-1937).** Dissertação para o Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina 2005.

QUEIROZ, Terezinha Mesquita. **Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as Tiranias do Tempo.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

RODRIGUES, EDGAR**. Pequena história da História da imprensa social no Brasil**. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em <http://www.portalgens.com.br/pequena_historia_da_imprensa_social_no_brasil.pdf>. Acessado em 01.09.2014, às 12:18.

* **Jornais**

?. **Baze para sua fundação. In.: O Artista. Parnaíba.** Ano I, N° 01. 19 de Agosto de 1919.

?. **União Progressista**. O Artista. Parnaíba, Ano II, nº06. p.04. 24 de Agosto de 1920.

**Visitaram-nos os seguintes colegas**: O Artista. Parnaíba, Ano I, nº05. p.03, 18 de Julho de 1920.

JUNQUEIRO, Guerra**. A Criança e a escola.** O Artista. Parnaíba, Ano II, nº06. p.03. 24 de Agosto de 1920.

M**. Escolas**. O Artista. Parnaíba, Ano I, nº02, p01, 07 de set. de 1919.

MERCURIO. **Agosto de 1919**. O Artista. Parnaíba, Ano 1, n.1, p1, 15 ago, 1919.

SERRANO, F**. Dever de Associação e Instrução.** O Artista. Parnaíba, Ano III, nº 12, 1º de Mai. 1922.

1. Discente do curso de Licenciatura Plena em história pela Universidade Estadual do Piauí. alx.soad@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. “Faces do Mundo do Trabalho em Parnaíba: Perfis, mobilizações e cotidiano (1890-1937)”. [↑](#footnote-ref-2)
3. Lista de edições do periódico localizadas, a saber: I, II, III, IV, IX, XII. [↑](#footnote-ref-3)
4. O *Orfanato Cempius* (1880-1894), com Paul Robin e *La Rouche*, (1904-1917), com Sebastien Faure [↑](#footnote-ref-4)
5. Indicador para o ano de 1919. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1919, p. 3540. [↑](#footnote-ref-5)
6. Trabalhadores e Trabalhadoras no Fio da História das Práticas e Projetos Educativos no Piauí (1857-1937) [↑](#footnote-ref-6)
7. ?. Baze para sua fundação. In.: O Artista. Ano I, N° 01. 19 de Agosto de 1919. [↑](#footnote-ref-7)
8. MERCURIO. O Artista, Parnaíba. Ano I, n° 01, p.1 15 ago. 1919. [↑](#footnote-ref-8)